

O ENSINO DE FOTOGRAFIA PARA PESSOAS CEGAS:

As Estratégias de Inclusão e Acessibilidade¹

Kayck Jesse dos Santos SILVA²

Andresa Thayane Alves da COSTA³

Agda Patrícia Pontes de AQUINO⁴

Universidade Federal da Paraíba, UFPB

RESUMO

Este texto traz um relato de estratégias pedagógicas abordadas no processo de ensino e aprendizagem de fotojornalismo para pessoas com deficiência visual. Listamos aqui os mecanismos aos quais recorremos na turma de 2024. 2 da disciplina de Jornalismo Fotográfico da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que tinha um aluno cego. Neste trabalho, relatamos as ações de inclusão desenvolvidas ao longo do semestre, sendo elas nas aulas expositivas, nas atividades laboratoriais, nas aulas de campo e nas formas de avaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Fotografia; Fotojornalismo; Acessibilidade; Ensino.

CORPO DO TEXTO

A fotografia em contexto jornalístico, assim como nos explica Azoulay (2010), é o registro daquilo que se quer noticiar, diante da perspectiva e da visão crítica do profissional que está fazendo a foto. O fotojornalismo é um gênero visual que, segundo Beltrão (1969), é também um gênero informativo do jornalismo. A falta de apoio pedagógico e estrutura física adequada para o estudo e a prática da fotografia nos cursos de graduação em jornalismo, prejudica o processo de ensino para pessoas cegas, dificultando a permanência desses estudantes na Universidade.

O eventual talento e a formação jornalística das pessoas com deficiência visual está atualmente comprometido, visto que as diretrizes curriculares nacionais para o

¹ Trabalho apresentado ao GTNE14 - Estudos da Comunicação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: kayck.santos@academico.ufpb.br.

³ Estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas da UFPB. E-mail: andresa.costa@academico.ufpb.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UFPB. E-mail: agda.aquino@academico.ufpb.br.

curso de graduação em Jornalismo, aprovadas e publicadas em 2013, não falam em obrigatoriedades ou formas pedagógicas de acessibilizar os métodos de ensino. Além disso, conforme institui a Lei 9344, publicada em 1996, o acesso à educação de qualidade é um direito básico estabelecido constitucionalmente, que deve ser assegurado para formação de bons profissionais. Esse direito, por sua vez, acaba ferido quando falamos de ensino fotográfico para pessoas cegas nos cursos de formação jornalísticas em atividade no Brasil. Sendo assim, deve-se lutar para que a pauta de acessibilidade seja uma das prioridades na elaboração das próximas diretrizes, visto que é uma das missões da universidade pública e do ensino superior em jornalismo.

A turma 2024.2 da disciplina de Jornalismo Fotográfico, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), possuía um aluno cego, que demonstra interesse na área de fotografia e disposição para aprender os métodos do fazer fotográfico e aplicá-los na sua formação jornalística. Apesar das dificuldades impostas pela deficiência visual para o ensino, a professora da disciplina, em conjunto com os monitores e a estagiária docente, pensaram formas de acessibilizar a aprendizagem e potencializar o talento do aluno. Além das aulas expositivas, onde o conteúdo foi passado oralmente de forma simultânea para o aluno, todos os materiais pedagógicos digitais utilizados em aula foram disponibilizados para a turma por meio de arquivos, que podem ser lidos e acessados pelos programas de acessibilidade instalados no celular do discente.

Para as aulas laboratoriais e aulas de campo, a inspiração de abordagens pedagógicas foi o fotógrafo cego Evgen Bavcar, que aparece no documentário Janela da Alma. O fotógrafo em questão, demonstrou como ele usava outros sentidos, a exemplo do tato e da audição, como suportes para o seu fazer fotográfico, a exemplo, das fotografias de moda, nas quais ele tocava nas modelos para direcioná-las, calculando a distância delas para a câmera, para assim conseguir fazer o enquadramento e fotografá-las; e o ensaio que ele realizou com a neta, uma criança, com um sino na mão e vestido branco, correndo numa plantação de flores, onde o fotógrafo “fotografava o som do sino”, resultando em imagens poéticas e sensíveis.

Além disso, foi estimulado que os alunos incluíssem textos alternativos e legendas explicativas nas suas produções imagéticas, pensando na acessibilidade de pessoas cegas e de baixa visão. Nesse sentido, também foi dado ao discente, o suporte de equipamentos que proporciona facilidades para as pessoas com deficiência, como:

botões salientes e com textura que facilitam a identificação, botão disparador com acessório que o diferencia dos outros botões de forma tátil e destacada, equipamento que produz efeito sonoro quando realiza o foco e outro efeito sonoro distinto quando faz a foto, diafragma manual anexado a base da lente (assim como nas câmeras analógicas), além de ser um equipamento menor e simplificado para manuseio.

As atividades para a nota também foram adaptadas, onde o aluno foi incluído em grupos com outros estudantes para que desenvolvessem juntos o trabalho. Na última atividade, uma produção de narrativa fotográfica, o aluno contou com o apoio da equipe (professora, monitora e estagiária docente) para produzir suas fotos de maneira independente, além das imagens já produzidas por ele durante uma saída fotográfica.

Um dos pontos mais importantes para a formação jornalística de um indivíduo é entrar em campo, para João do Rio (1905), “a rua é o aplauso dos mediocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” e é na rua onde o jornalista deve estar. Para exercitar as técnicas aprendidas em sala de aula, a docente responsável pela disciplina realiza aulas de campo semestralmente, chamadas de “saídas fotográficas”, onde os alunos podem recorrer aos equipamentos fotográficos do departamento para realizarem fotos e anexarem elas aos trabalhos da disciplina. É um exercício de campo para o aperfeiçoamento do fazer fotojornalístico, assim como é posto por Aquino (2024), em relato de experiência nomeado “Fotografar a Feira Livre Como Estratégia Pedagógica no Ensino de Fotojornalismo”.

Nessa aula de campo, realizada especificamente no centro histórico da cidade de João Pessoa, o discente recebeu o apoio e a assistência, que deveriam ser sempre obrigatórias, para fazer as práticas e participar ativamente das atividades. Ouve o revezamento entre os monitores, a professora e a estagiária docente para acompanhá-lo, passo a passo, trilhando um caminho para a formação profissional crítica, plural e capacitada.



Mosaico de imagens 1 - Assistência ao aluno - Fotos: Adrianny Silva

O estudante, em relato aos autores deste artigo, ressaltou: “Antes de começar a disciplina de Jornalismo Fotográfico, eu pensei que seria algo mais teórico, ficava em dúvida se eu ia conseguir fazer algo realmente prático, visto que é uma disciplina mais visual. Me matriculei na disciplina, sem muitas expectativas, mas quando conheci a professora e tive as primeiras aulas, notei que ela foi adaptando a disciplina. Ela parava as aulas para me mostrar como fazer os enquadramentos, me ajudando a aprender um pouco de como funcionavam as coisas na câmera. A nossa saída fotográfica também foi muito importante, os monitores me ajudaram e eu consegui fotografar várias coisas, tive a experiência de tocar nas pessoas e fotografá-las, de sentir como era ser um fotógrafo, que foi algo bem importante para mim.”



Mosaico de imagens 2 - Tiradas pelo aluno - Fotos: Antônio Lucas dos Santos

Uma dos pensamentos pedagógicos que servem de inspiração e regem a filosofia do ensino moderno é o de Paulo Freire (2003), onde ele diz que “é preciso diminuir a distância entre o que se diz, o que se faz, até que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática”. Desse modo, reiteramos que para o ensino do jornalismo fotográfico é preciso transformar palavras em ações para avançar em novas estratégias e entrar em sintonia com as novas dinâmicas de ensino. Se buscamos formar novos profissionais que compreendam o ensino de comunicação através da acessibilidade, é ir na contramão do discurso e tornar o ambiente universitário, plural, diverso e acolhedor. Transformar a prática em reflexo do que “não vemos”, mas que pode colaborar com a formação de novos profissionais no campo da fotografia.

Desse modo, a qualidade do desenvolvimento para estudantes com deficiência visual depende da sua participação e integração nas atividades acadêmicas. A garantia desse processo assegura que o ensino de fotografia no ambiente universitário pensando em acessibilidade colabore para a inclusão acontecer nas singularidades de cada estudante, mas não com as igualdades (Freire, 1998).

Ainda falando sobre fotografia como gênero presente no jornalismo, é importante ressaltar que no mesmo sentido em que a fotógrafa Gabriela Biló (2023) já

expressou a ideia de que “o fotojornalismo, ao invés de retratar a realidade em si, constrói uma narrativa sobre ela, e não uma representação exata e objetiva dos acontecimentos”, prevalece a concepção de que o olhar jornalístico é como a alma do fotojornalismo.

Portanto, essas ideias mostram que a deficiência visual é algo físico que limita, mas não extingue o exercício e a capacidade de aprendizagem, da prática, da técnica e do poder de construir narrativas. O olhar jornalístico, de acordo com Azoulay (2010), está presente no profissional e não no equipamento. A fotografia é a visualização e a impressão da história moderna, capturada através das lentes, mas acima de tudo das suas inferências e sentidos, que vão além do senso comum e perpassam as dificuldades impostas pela deficiência visual.

Assim, é necessário que essa estrutura educacional seja montada de forma inclusiva e que atenda a todos, garantindo a equidade educacional e proporcionando que a sala de aula seja um espaço onde nos formamos não somente como profissionais, mas como cidadãos e cidadãs, assim como diz Freire (1968). O ensino deve ser acessível às pessoas com deficiência, conforme as suas necessidades específicas, mas sem as separar da sua turma de origem, do contrário o processo não se torna inclusivo, mas um recorte parcial da realidade por meio de uma experiência individualizada e não coletivizada.

A construção deste relato de experiência, em resumo expandido, pretende elucidar que é possível pensar comunicação através da dinâmica dentro e fora de sala de aula. Nesse sentido, esse recurso didático deve funcionar para garantir acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência visual — completa ou parcial — no ensino de fotografia no Brasil. Além disso, destacar a importância da fotografia na formação de futuros profissionais de jornalismo. Apresentaram-se aqui experiências que podem ser adaptadas conforme a sala de aula e perfil dos estudantes, através dessa prática, os docentes e ambientes acadêmicos mais humanos e igualitários, para permear a ideia de que a educação pode ser inclusiva, o pensar sala de aula é uma tarefa coletiva.

REFERÊNCIAS

ALMA, Janela da. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: João Jardim e Flávio R. Tambellini. Copacabana Filmes e Produção, 2001.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Fotografar a feira livre como estratégia pedagógica no ensino de fotojornalismo.** In: GRÃO FINO: SEMANA DE FOTOGRAFIA, 2024, João

Pessoa. Anais. João Pessoa: Grão Fino, 2024. Disponível em: <https://graofinofoto.com.br/anais2024/>. Acesso em: 2 maio 2025.

AZOULAY, Ariella. **O contrato civil da fotografia**. Tradução de Vera Ribeiro. Lisboa: Edições Orfeu Negro, 2010.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. 2. ed. Recife: ICINFORM, 1969.

BILÓ, Gabriela. **"O fotojornalismo retrata a narrativa, não a realidade"**. Saiba Mais, 2 dez. 2023. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2023/12/gabriela-bilo-o-fotojornalismo-retrata-a-narrativa-nao-a-realidade/>. Acesso em: 2 maio 2025.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Ensino Superior. Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 out. 2013. Seção 1, p. 26-28.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
BAVCAR, Evgen. **O que há entre o fotógrafo e a fotografia**. Disponível em: <https://foto.espm.br/evgen-bavcar-o-que-ha-entre-o-fotografo-e-a-fotografia/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

KOSSY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.